

Cimeira dos sete PALOPs a 27 de Junho em Lisboa

A cimeira dos chefes de Estado dos países de língua portuguesa deverá realizar-se de 27 a 28 de Junho em Lisboa, informou o embaixador brasileiro José Aparecido de Oliveira.

A data foi apontada tendo em conta as agendas políticas dos «Sete», indicou o diplomata do Brasil em Lisboa, que se encontra desde há dias em Maputo à frente de uma numerosa delegação do seu país para tratar junto das autoridades moçambicanas da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Tanto Angola como Moçambique manifestaram o desejo de que a cimeira decorresse em data que não colidisse com as eleições na África do Sul e após a tomada de posse de um novo Governo em Pretória, a 10 de Maio, a que o presidente moçambicano Joaquim Chissano tenciona assistir.

Também a Guiné-Bissau deu a sua preferência a uma data que se si-

tuasse depois das primeiras eleições democráticas no país, previstas oficialmente para 27 do corrente, mas que deverão ser adiadas, por ser já tecnicamente impossível realizá-las.

Apreciado de Oliveira foi recebido há dias pelo presidente Joaquim Chissano, com quem abordou a criação da comunidade, lançada numa reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos «Sete» realizada em Brasília nos dias 9 e 10 de Fevereiro.

O chefe de Estado moçambicano, exprimindo a posição dos cinco países africanos de língua oficial portuguesa, manifestou o desejo de que as decisões da futura CPLP sejam tomadas por unanimidade, indicou Aparecido de Oliveira.

O diplomata brasileiro sublinhou que a constituição da Comunidade Lusófona não significa que os países membros tenham que abandonar os blocos regionais em

que se integram, que faz parte, em seu entender, das actuais tendências da vida internacional.

«Nem Portugal vai abandonar a União Europeia, nem o Brasil o Mercosur, nem Moçambique a SADC», disse Aparecido de Oliveira, para quem a pertença à CPLP por cada um dos «Sete» lhes oferece «vantagens face aos outros» países.

O diplomata brasileiro voltou a reafirmar a disponibilidade do país para cooperar com os países africanos dos «Sete» nos projectos que eles entenderem.

«Só a língua não basta» — reconheceu o embaixador, dando conta da preocupação expressa pelos PALOP de que a comunidade sirva objectivos concretos.

Quanto a financiamentos para projectos, Aparecido de Oliveira deu a entender que se tornará mais fácil para os PALOP obter fundos internacionais pertencendo a uma comunidade em que Portugal e o

Brasil estejam presentes.

O embaixador brasileiro indicou que na reunião de sexta-feira que decorreu em Maputo entre os empresários do seu país que o acompanhavam, foi formado um Comité Empresarial dos «Sete».

Mas Aparecido de Oliveira não deixou também de forçar a importância da língua portuguesa como idioma de comunicação nas nações africanas dos «Sete».

Referiu que o próprio presidente Joaquim Chissano lhe contou que sendo ele de etnia changané, de Gaza, no sul de Moçambique, e a sua mulher Marcelina, macedo de Cabo Delgado, do norte, é o português que lhes serve de meio de comunicação.

De tal forma que os filhos do chefe de Estado de Maputo só falam português e a própria mãe de Chissano acabou por aprender também a língua portuguesa para poder comunicar com os netos.